

O ENSINO DE FILOSOFIA E A VIABILIDADE DO USO DE TEXTOS FILOSÓFICOS NO NÍVEL MÉDIO

Thaís Rodrigues de SOUZA; Carmelita Brito de Freitas FELÍCIO
Universidade Federal de Goiás
thaisfilos@gmail.com

Palavras-chave: filosofia; ensino; textos filosóficos; banalização do ensino.

Justificativa / Base teórica

Tendo em vista o fato de que a leitura é de suma importância no processo de ensino e aprendizagem, coloco aqui este ato aparentemente tão simples como auxiliando também na superação das defasagens lingüísticas e culturais dos alunos. É certo que este ato é fundamental na construção do indivíduo e de seu amadurecimento intelectual. Porém tendo em vista as dificuldades que podem ser encontradas nesta utilização, enfatizo o seu uso como forma mesma de superação destas defasagens. A leitura é passo fundamental na construção do saber filosófico, pois aprender a ler é aprender a compreender o mundo que nos rodeia, não é mera compreensão de símbolos, mas sim a compreensão da relação que vincula a linguagem e a realidade. Segundo FREIRE (1992, p. 11) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

Segundo PORTA (2007) podemos encontrar duas perspectivas em um texto. A primeira é a leitura e a segunda é a escrita, porém mesmo que interdependentes, estes atos possuem movimentos inversos, na medida em que produzir um texto é criar uma estrutura literária para uma certa estrutura lógica, e ler é partir daquela estrutura literária dada para chegar a uma estrutura lógica, ou seja, o fundamental da leitura é a compreensão. Para que haja a compreensão é necessário assim buscar entender as regras próprias do texto, e as referências para entendê-lo não estão em outro lugar que não nele mesmo.

Esta não é uma tanto uma dificuldade lingüística, mas sim filosófica. Segundo COSSUTTA (2001, p. 3) “por definição, parece que toda obra filosófica - esta é uma característica do gênero- elabora ou pretende elaborar as condições de sua própria validade, e, portanto enuncia as próprias regras da leitura que se pode fazer dela” (COSSUTTA, 2001, p. 3). Ainda que de um

modo não tão claro, o texto contém o sentido que o autor queria dar-lhe. Quando este sentido não está presente no texto de forma explícita, cabe ao leitor, caso realmente se interesse pelo texto, torná-lo mais claro e facilmente compreensível. E quando esta atividade é proposta em sala de aula, as dificuldades que surgirem devem ser transpostas por técnicas e pela indispensável ajuda do professor.

À luz deste contexto é importante pensar que tipo de formação se deseja em nossas escolas. Seria a formação para a cidadania tão decantada pelos meios de comunicação de massa? Que tipo de cidadania é esta que se quer? Se a cidadania que se espera for aquela que meramente legitima governos por meio de eleições e que não torna efetiva a ação do indivíduo, não é esta a cidadania que se deseja através da educação formal. A cidadania que penso ser útil às nossas escolas deve ser aquela que valorize a ação política do indivíduo e que torne possível que ela ressurgja em um mundo hoje tão despreocupado com a política. Uma cidadania que compreenda e invoque a curiosidade dos alunos pela cultura, pelo conhecer suas ações dentro da sociedade. E não esta formação assumidamente voltada para o trabalho, um trabalho técnico e mecânico que pouco acrescenta ao indivíduo. Tendo em vista esta educação voltada para o trabalho devemos pensar e propor uma educação que se volte para a cultura, para a formação intelectual e individual, pois o trabalho mesmo que seja uma atividade de fundamental importância para a vida humana não deve ser compreendido como sua prioridade.

Em sua época Nietzsche (2003) já havia verificado este problema. Em seu texto *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* ele já criticava a educação voltada para o trabalho e procurava defender uma educação para o pensamento e a cultura, uma educação que não fosse determinada pela economia e pelo mercado, pela reprodução da divisão do trabalho moderna e industrial nas escolas e nas ciências, e também a especialização, tão próxima de nós acadêmicos e compreendida como sendo tão necessária. Todas estas críticas de Nietzsche podem ser transpostas para nossa época, já que pouca coisa tem mudado desde então. Contrariamente ao que se esperava, estes moldes de educação têm sido legitimados pelo Estado e mesmo pelos indivíduos ao longo de décadas.

Objetivos

Diante do problema proposto, em nossas investigações buscamos compreender a viabilidade do uso de textos filosóficos em salas de aula no Ensino Médio, com a preocupação de tornar o ensino da filosofia e a leitura de textos filosóficos significativos para os alunos deste nível escolar. Pretende-se, ainda, analisar a importância do ato de ler para a formação cultural e intelectual dos alunos, como também, é de nosso interesse verificar como os professores do ensino de Filosofia do Ensino Médio fazem uso de textos filosóficos em sala de aula. Por último, o que pretendemos é propor formas de auxiliar aos alunos na superação de suas dificuldades na leitura de textos filosóficos.

Buscaremos neste trabalho compreender como tornar possível, real e significativo o ato de “ler textos filosóficos de modo significativo e ler de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros” para os alunos deste nível escolar. (Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio, 2000, p.64).

Metodologia

Nossas investigações, no plano teórico, vêm sendo desenvolvidas por meio de uma revisão bibliográfica, em especial as concepções e propostas de autores como Silvio Gallo, Lídia Maria Rodrigo, Frédéric Cossuta, Mario Porta, estudiosos que vêm se ocupando com este campo temático emergente ligado ao ensino de filosofia. A busca na história da filosofia dos fundamentos necessários ao embasamento de nosso estudo será recolhida dos escritos de Friedrich Nietzsche sobre a educação.

Resultados / Discussão

Importantes questões se colocam quando se discute o ensino de filosofia no nível médio, e tendo em vista as dificuldades que surgem, é necessário pensar formas de transposição destas, para que o ensino seja significativo e responsável. Duas das principais questões que se colocam é primeiramente o suposto empobrecimento e superficialização da filosofia no trabalho docente neste nível escolar e a dificuldade de despertar o interesse os alunos pelo texto filosófico em uma época de predomínio da imagem. Para a primeira questão é importante dizer que o ensino de filosofia neste nível escolar possui caráter

introdutório, não se busca a mesma profundidade que podemos encontrar em cursos de graduação, e considero certamente bom que mais pessoas tenham acesso a este tipo de conhecimento para que caso desejem, possam aprofundá-lo posteriormente.

Com relação à imagem, nossa hipótese é que, não devemos ver isto como apenas como um problema, mas sim como uma boa oportunidade de trabalhar a interdisciplinaridade. A imagem que é hoje tão presente em nossas vidas pode ser compreendida de outras formas, e a leitura que se propõe com a investigação que vem nos ocupando, pretende ser uma leitura não apenas de textos e obras filosóficas, mas a leitura filosófica de recursos não-textuais. A utilização de imagens pode ser útil para despertar a atenção dos alunos além de tornar as aulas mais dinâmicas e prazerosas. É imprescindível que o texto possua seu lugar garantido como recurso primeiro, ele não deve ser substituído por outros recursos e estes devem ser pensados como recursos complementares à prática docente e desta forma podem auxiliar os alunos a pensar a filosofia como algo para além das obras filosóficas, dos grandes livros, mas como algo próximo e cotidiano. Assim, pode se tornar possível um aprender a ler o mundo de forma filosófica.

Em nossa experiência na disciplina optativa – Filosofia Geral e da Educação - oferecida no Colégio Estadual Pré-Universitário e que contou com a participação ativa dos bolsistas integrantes do projeto de filosofia do PIBID/UFG recorreremos aos fragmentos de textos filosóficos com a intenção de introduzir os alunos à questão *O que é a filosofia?* e obtivemos uma boa recepção dos estudantes. O célebre texto “*Resposta à pergunta: O que é esclarecimento (Aufklärung)?*” de Immanuel Kant, escolhido para pensar a questão da liberdade, foi muito bem recebido pelos alunos. A partir deste texto, os estudantes produziram seus próprios textos de forma bastante concisa e interessante. Além disso, debates e discussões possibilitaram aos alunos novas formas de pensar o tema da liberdade de forma articulada com o cinema. O filme *Tropa de elite II* já bastante conhecido pelos alunos nos auxiliou na introdução à questão, mostrando que é possível o exercício da interdisciplinaridade como ferramenta para trabalhar temas filosóficos. Ao final do curso os alunos tiveram acesso a outro texto que apresentava diferentes perspectivas para pensar o problema do aborto. O tema, escolhido pelos

próprios alunos para ser o eixo do trabalho interdisciplinar desenvolvido pelos bolsistas integrantes do PIBID ao longo deste primeiro semestre de 2011, no Colégio Estadual Pré-Universitário, foi objeto de discussão em uma importante conferência realizada na PUC-Goiás, no dia 31 de maio de 2011. Todas estas experiências mostram que é possível trabalhar o texto filosófico neste nível escolar, possibilitando aos alunos um contato direto com os filósofos.

Conclusões

Este trabalho resultou da preocupação com o retorno da filosofia ao ensino médio e da preocupação real com o nosso futuro profissional e com a carreira que pretendemos abraçar, a docência em filosofia. Consideramos bastante viável e realmente necessário criar nos alunos o hábito da leitura. A filosofia como atividade de busca reflexiva de respostas, que parte do particular e que reflete por aquilo que é universal além de, concordando com PORTA (2007) ser também a capacidade de mostrar as continuidades e identidades entre filósofos, só se tornará possível a partir do contato primeiro com a filosofia, que se dá quase sempre através do texto, através da leitura. É importante que a escola incentive esta atividade, que o professor tenha a sua concepção de filosofia para bem orientar seus alunos oferecendo-lhes subsídios para que eles possam construir suas próprias concepções.

Referências bibliográficas

COSSUTTA, Frédéric. *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Médio*. Brasília, DF, 2000

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Ed. PUC Rio, 2003.

PORTA, Mario. *A Filosofia a partir de seus problemas*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Fonte de financiamento: CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID